



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura

Projecto de Novo Crematório em Hietaniemi Helsínquia _ Finlândia

Emanuel Jorge Cerdeira Lopes

Tese para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Jacek Krenz
Co-orientador: Arq. Tuomas Silvennoinen

Covilhã, Junho de 2011

... a todos aqueles que apoiaram e acreditaram neste trabalho

Resumo

O início do séc. XXI é uma época de considerável interesse na morte. Arqueólogos descrevem a pré-história de ritos de morte, historiadores comparam e contrastam os ritos de eras mais recentes, e antropologistas descrevem padrões contemporâneos de lidar com a morte. Os seres humanos são animais, e morrem, mas acima de tudo têm consciência. Adicionando estes factos, pode-se discutir, de uma perspectiva evolucionária, que a morte faz parte de um meio ao qual o animal humano necessitou adaptar-se. Assim, o rito mortuário é visto como a resposta adaptativa do ser humano à morte, com uma linguagem ritual escolhida como forma de resposta. É precisamente porque a linguagem é o meio através do qual o ser humano obtém o seu sentido de consciência que pode servir de base de recriação para a sensibilização da morte, e é a arquitectura, através da sua linguagem única que tem o maior desafio.

Palavras Chave

Morte, ritual, desafio

Abstract

The beginning of the XXI century is a time of considerable interest in death. Archaeologists describe the prehistory of death rites, historians compare and contrast the rites of more recent times, and anthropologists describe contemporary patterns of dealing with death. Human beings are animals, and die, but above all they have a conscience. Putting these facts together, we can argue, from an evolutionary perspective, that death is part of an environment to which the human animal needed to adapt. Being so, the mortuary rite is seen as an adaptive response from the human being towards death, with a ritual language chosen as a means of response. Because language is the way thru which the human being obtains his feeling of conscience, it can be the base of recreation for awareness of death, and it's architecture, thru it's unique language that has the biggest challenge.

Keywords

Death, ritual, challenge

Índice

Introdução	3
Contexto Histórico	5
Cremação na Europa	5
Cremação na Finlândia	6
Área sacra de Hietaniemi	9
Casos de estudo	11
O crematório de Turku	11
O crematório existente em Hietaniemi	12
Proposta	15
Análise do local	15
O novo crematório	18
Perspectivas	21
Conclusões	25
Bibliografia	27

Introdução

Sendo que este tema está directa e intimamente ligado à religião e ao transcendente, isto faz do projecto um interessante exercício arquitectónico.

O objectivo é projectar um novo crematório nos arredores da área do cemitério de Hietaniemi, em Helsinquia, onde existe já um crematório, o primeiro construído na Finlândia por *Bertel Liljeqvist* em 1925. As várias extensões efectuadas ao longo dos anos não suprem as necessidades, assim como não cumprem os requerimentos que estavam planeados no início, como tal, e de modo a evitar desnecessárias e agressivas intervenções ao edifício existente, o exercício por mim proposto permite a revitalização de uma área única no seu género, dada a sua localização central na cidade e, ao mesmo tempo, a sua proximidade com o mar (fig. 1).



1. Imagem de satélite de Helsinquia (fonte: *Google maps*)

a . cemitério de Hietaniemi

b. novo crematório

“Death must be so beautiful. To lie in the soft brown earth, with the grasses waving above one's head, and listen to silence. To have no yesterday, and no tomorrow. To forget time, to forgive life, to be at peace.”¹

¹ *Oscar Wilde (1854 – 1900)*

Contexto histórico

Cremação na Europa

Com o aumento da predominância do Cristianismo na Europa após o séc. V, a cremação foi gradualmente abandonada em detrimento do sepultamento, como um símbolo do que sucedeu com Jesus Cristo.

Foi apenas no séc. XIX que ressurgiu um vasto interesse pela cremação, instigado por uma variedade de factores sociais, filosóficos e tecnológicos. O mais significativo factor social foi o considerável aumento das populações das principais cidades na era industrial, cujos cemitérios eram constantemente pressionados para lidar com o volume dos óbitos numa altura em que cada vez mais se notava um aumento da preocupação com o saneamento publico (cadáveres sepultados à superfície do solo eram tomados como um potencial risco de saúde). Este foi também um período de considerável interesse na liberdade de pensamento e no compromisso criativo com as ideias de progresso.

Foi a revolução francesa que introduziu a cremação como uma alternativa específica ao sepultamento. Aparentemente o anticlericalismo teve grande influência, apresentando a cremação como uma explícita alternativa ao tradicional método de sepultamento cristão.

A preocupação com o avanço tecnológico no séc. XIX também incentivou a prosperidade da cremação. Por esta altura tornara-se relativamente fácil contemplar a construção de fornos para a combustão de corpos humanos, assim como estruturas arquitectónicas para os albergar. Inicialmente os crematórios eram temporários, pouco mais que fornos e extravagantes marcos arquitectónicos. Nos fins do séc. XIX e inícios do séc. XX começaram a assemelhar-se com edifícios de igrejas.

Por toda a Europa Cristã, a questão era se o negócio funerário deveria ser da responsabilidade da Igreja ou da Sociedade. Este foi um tema tabu durante as primeiras décadas do séc. XX devido ao controlo que o Cristianismo impôs sobre a morte.

O aspecto mais interessante da relação entre a cremação e a sociedade no seio das sociedades ocidentais deriva da influência das tradições Ortodoxas, Católicas e Protestantes. Na Europa ocidental as taxas de cremação variam de acordo com o grau de influência católica ou Protestante na tradição de cada país. Em 1999, a taxa de cremação na Grã

Bretanha e Dinamarca era de 71% e de 68% na Suécia. Na Finlândia a taxa era de apenas 25%. A influência Católica é mais evidente em França (16%), Espanha (13%) e Itália (5%)². Com o início da cremação, surgiram novas possibilidades para desvincular rituais de morte do controlo eclesiástico. Durante grande parte do séc. XIX e os primeiros dois terços do séc. XX, a maioria dos rituais de cremação ocorriam sob o pano do ritual religioso supervisionados pelo clero Protestante. Nos fins do séc. XX o envolvimento clerical na cremação estava a decair. O sepultamento tradicional era levado a cabo pela Igreja Cristã e ainda que os restos mortais pudessem mais tarde ser transferidos para uma casa mortuária, normalmente esta transferência não envolvia qualquer cerimónia. Em alguns locais o sepultamento poderia também ser realizado sem cerimónias religiosas, mas foi com a cremação moderna que o processo secular adquiriu uma maior aceitação. Frequentemente os funerais realizados sem ligações religiosas eram de celebração, funerais centrados na vida passada do falecido e não como em tradicionais rituais Cristãos, na esperança da ressurreição. Em muitas culturas a cremação é tida como forma predominante de funeral. A atitude de diferentes religiões para com a cremação está relacionada com a sua visão do Homem e com a sua percepção da vida após a morte.

Cremação na Finlândia

A cremação durante os primeiros anos do período moderno não ganhou popularidade na Finlândia devido a várias razões:

- As condições nos cemitérios não era um problema devido à diminuição da população e a urbanização estava a avançar lentamente durante a primeira metade do século, logo após o fim da guerra;
- Não havia pressões para a cremação como uma forma de funeral (mas também não existia uma extensa consciência intelectual sobre este tema), a tradicional doutrina Cristã estava ainda bem intrincada;
- A posição da Igreja para com a cremação levava a uma considerável diminuição do interesse nesta;

² Dados da associação de cremação finlandesa

- O movimento trabalhista encontrava-se aparentemente alheio à ideia da cremação, a maioria dos seus membros era recrutada de entre a população de descendência Sueca e das classes sociais mais elevadas;

- Era mais dispendioso que o funeral por sepultamento.

A popularidade desta chegou com o fim da guerra, que trouxe uma nova situação política, cultural e espiritual.

Devido ao rápido crescimento das cidades finlandesas logo após a guerra, o país enfrentou uma falta de espaço para sepulturas e tal como ocorreu na Europa central durante o séc. XIX, houve um aumento do interesse na cremação como uma alternativa para salvar espaço.

Ao mesmo tempo, a indústria passou por um processo de reorganização radical, acelerado pelos trabalhos de reconstrução. Uma consequência da reestruturação industrial foi a rápida urbanização. Isto por sua vez serviu para reforçar o processo de secularização. A posição da igreja como uma influência formativa do mundo conceitual dos cidadãos foi assim sendo constantemente minada. Estes factores contribuíram assim para produzir um terreno fértil para a ideia da cremação.

Contudo, durante os anos de reconstrução, a cremação não era viavelmente económica. As cidades hesitaram envolverem-se em tais projectos, uma vez que a organização de funerais estava a cargo das congregações locais, que por sua vez não tinham possibilidades financeiras para tal. Ao mesmo tempo as paróquias não estavam certas se era compatível construir este tipo de edifícios com fundos paroquiais.

A situação foi resolvida no final dos anos 60, quando o Concelho da Igreja considerou a questão como parte das suas responsabilidades. Finalmente foi confirmado que a cremação fazia parte dos assuntos da Igreja, o que basicamente deu luz verde para iniciar novos projectos de crematórios na Finlândia. E foi exactamente naquela década que foram construídos seis novos crematórios no país. Estes estabeleceram um novo modelo, sendo a cremação considerada parte da organização funerária.

Em 1989, existiam dezasseis crematórios na Finlândia, todos excepto o de Hietaniemi eram geridos pelas congregações locais. Actualmente esse número subiu para vinte e três³.

³ Dados da associação de cremação finlandesa

“If in a wood we find a tumult, long six feet and breadth three, prepared with the shovel in a form of a pyramid, we do us serious and something inside of us tells us: here it is buried someone. This is architecture.”⁴

⁴ Adolf Loos (1870 – 1933)

Área sacra de Hietaniemi

Em 1815 a Finlândia tornou-se parte do Grão-Ducado Russo. Sobre o controlo deste, foi dada permissão para fundar um cemitério Ortodoxo, localizado na área oeste da cidade, Hietaniemi. Este foi estabelecido no limite do complexo actual e desde então foi expandido em diferentes fases, tal como a cidade. Quando, em 1897, a capital da Finlândia passou de Turku para Helsínquia, a cidade vivia tempos prósperos, que se verificavam numa rápida transformação arquitectónica nunca antes vista. Durante as próximas décadas, a cidade continuou a expandir as suas fronteiras e cedo, a área sepulcral existente não era suficiente. A congregação Luterana tomou a decisão de a expandir para norte(1829).

Durante a próxima década, foram construídos mais dois cemitérios, um Muçulmano e o primeiro cemitério Judeu, ambos localizados cerca do Ortodoxo. Os três irão tornar-se fundação para o futuro desenvolvimento de Hietaniemi.

Helsínquia continuou a crescer e a seu lado também o cemitério. Foram precisas mais três décadas até se dar a próxima extensão na área. Em 1864 a expansão continuou para norte e o cemitério ortodoxo basicamente duplicou em tamanho, pelo que era necessária uma nova capela, que foi construída em 1872.

A área continuou a sofrer alterações e nos fins do séc. XIX (1895) foi construído o segundo cemitério Judeu a par de uma nova capela.

O início do novo século trouxe mudanças radicais. A primeira associação a favor da cremação tinha sido fundada em 1893 e o seu principal objectivo era construir o primeiro crematório na Finlândia.

A Segunda Guerra Mundial trouxe a necessidade de mais espaço para sepultar as vítimas. O cemitério Ortodoxo foi expandido mais uma vez em 1931 ao longo do limite oeste.

*“The architectural planning of a funeral chapel requires, first and foremost a natural simplicity. Banal effects and pompous formalism absolutely must be avoided.”*⁵

⁵ *Alvar Aalto (1898 – 1976)*

Casos de estudo

O crematório de Turku

O séc. XX marcou uma mudança drástica no modo de projectar o crematório. Ao invés do Acontecia no séc. XIX, em que era dada grande importância à parte técnica da cremação, evidenciando a sala das fomalhas e as chaminés, os crematórios realizados na segunda metade do séc. XX não são objectos monumentais e solenes, mas sim amplos complexos, normalmente envolvidos pela natureza, em que podem coexistir diferentes funções.

Um exemplo icónico é o crematório de Turku (fig. 2), da autoria do Arquitecto *Pekka Pitkänen*. Uma larga escadaria liga a área destinada ao parque de estacionamento às três capelas anexadas ao crematório.

O complexo é dividido em dois níveis. No piso da entrada encontram-se o átrio de uma das capelas (fig. 3), as salas mortuárias, escritórios, a área técnica e a sala de cremação. No nível superior encontram-se as outras capelas, salas reservadas aos participantes das cerimónias, espaços destinados aos músicos e, finalmente, uma sacristia e uma pequena capela para urnas cinerárias.

Visto as capelas estarem num nível superior, os caixões são transportados por meio de elevadores, dando assim entrada na capela ascendendo de uma abertura no chão.



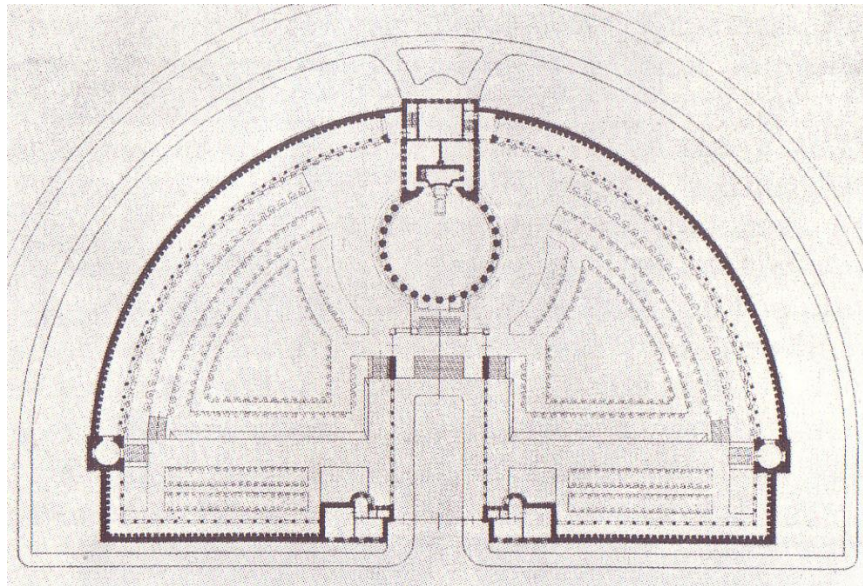
2. Vista o acesso principal



3. Vista do altar de uma das capelas

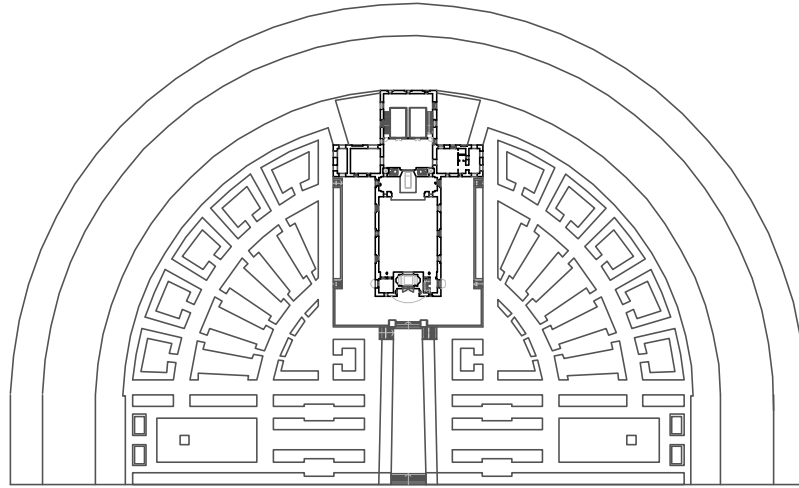
O crematório existente em Hietaniemi

Em 1918 chegou finalmente à Finlândia a independência e com esta, chegou também o apoio financeiro necessário para a associação responsável pelo crematório levar a cabo o projecto. O primeiro plano para um crematório surge em 1916 quando *Eliel Saarinen* projectou uma capela em forma de cúpula (fig. 4). Esta situava-se no centro da composição com duas arcadas curvas para urnas. O projecto nunca foi realizado mas deu o impulso para a criação de um concurso de arquitectura em 1919. *Bertel Liljeqvist* ganhou a comissão com uma solução neoclássica (fig. 5).



4. Proposta de *Eliel Saarinen* (cópia do livro *Living silence. In the Hietaniemi burial grounds*, de *Juhani Seppovaara*).

A planta seguiu uma distribuição em cruz latina, em que o eixo principal continha o volume da capela ligada ao crematório, localizado por trás desta. Ligados à capela estavam mais dois edifícios, a sacristia e serviços do lado direito e a sala para caixões do lado esquerdo. O plano racional funcionava bem no que toca a separar as funções umas das outras. O corte trabalhava na mesma direção da planta, as diferentes funções partilhavam o mesmo nível (facilitando a circulação do caixão ao longo do edifício). Quando o funeral terminava, o caixão era movido directamente para o forno através de uma sala que os ligava.



5. Proposta de *Bertel Liljeqvist* (cópia do livro *Living silence. In the Hietaniemi burial grounds*, de *Juhani Seppovaara*).

De uma perspectiva exterior, poderia ver-se uma plataforma que unificava o complexo, estabelecendo imediatamente uma hierarquia no terreno. A capela e os serviços acedido pelo nível térreo (facilitando o acesso do caixão).

Pode-se concluir, devido ao modo como os edifícios estavam orientados que a área exterior estava dividida em duas partes: A pública, espaço desde a entrada do lote até à capela e a privada, detrás do crematório, no limite semicircular do lote.

A primeira cremação na Finlândia teve lugar em Hietaniemi em Março de 1926. Apesar da capela conter símbolos Cristãos, era sabido que também seria usada para serviços funerários não Luteranos.

Em 1938, apenas treze anos após a conclusão da sua obra, o Liljeqvist projectou a primeira extensão da mesma, uma vez que o edifício aparentava ser já pequeno para albergar todas as funções.

Em 2002 deu-se a última renovação significativa, uma vez era necessária uma nova capela. Em termos de programa poucas funções novas foram adicionadas, sendo que as existentes aumentaram consideravelmente, pela primeira vez o eixo secundário do plano é maior que o eixo principal.

A outra alteração importante diz respeito aos fornos. Tradicionalmente localizados no piso inferior do crematório, encontram-se agora no piso superior, o que não seria um problema, não estivesse a entrada da nova capela situada na parte posterior do lote, ao lado da entrada de serviço.

A situação actual está longe de ser a mais apropriada.

*“That last day does not bring extinction to us, but change of place.”*⁶

⁶ Marcus Tullius Cicero (106 – 43 AC)

Proposta

Análise do local

O cemitério de Hietaniemi localiza-se a oeste da cidade de Helsínquia e relativamente perto do centro.

O local escolhido para o novo crematório é uma pequena ilha a oeste dos limites do cemitério. O acesso existente apenas inclui uma estrada, que faz a ligação a norte da ilha. Dada a natureza do projecto, um dos principais desafios foi a organização espacial do edifício, que veio a influenciar a projeção dos acessos ao ilha.

Após o estudo de vários crematórios, e mesmo após séculos de evoluções, concluí que o crematório ainda hoje se divide em duas partes, sendo estas influenciadas pelos percursos, por um lado o percurso dos mortos, e por outro lado o percurso dos vivos (fig. 6). O desafio deve-se ao facto de idealmente os dois percursos não poderem cruzar-se.

Visto o acesso existente ser propício ao trânsito de veículos motorizados, este é ideal para a entrada de veículos funerários, estando assim definido o extremo norte como parte do percurso dos mortos. Sendo assim, numa situação ideal, o percurso dos vivos seria a sul. Visto que a ilha não tem ligação a sul, a solução passou pela criação um acesso pedonal, paralelamente ao acesso de veículos, mas que irá ligar à zona sul. Estão assim criados dois pontos opostos que irão dividir o edifício em duas partes.

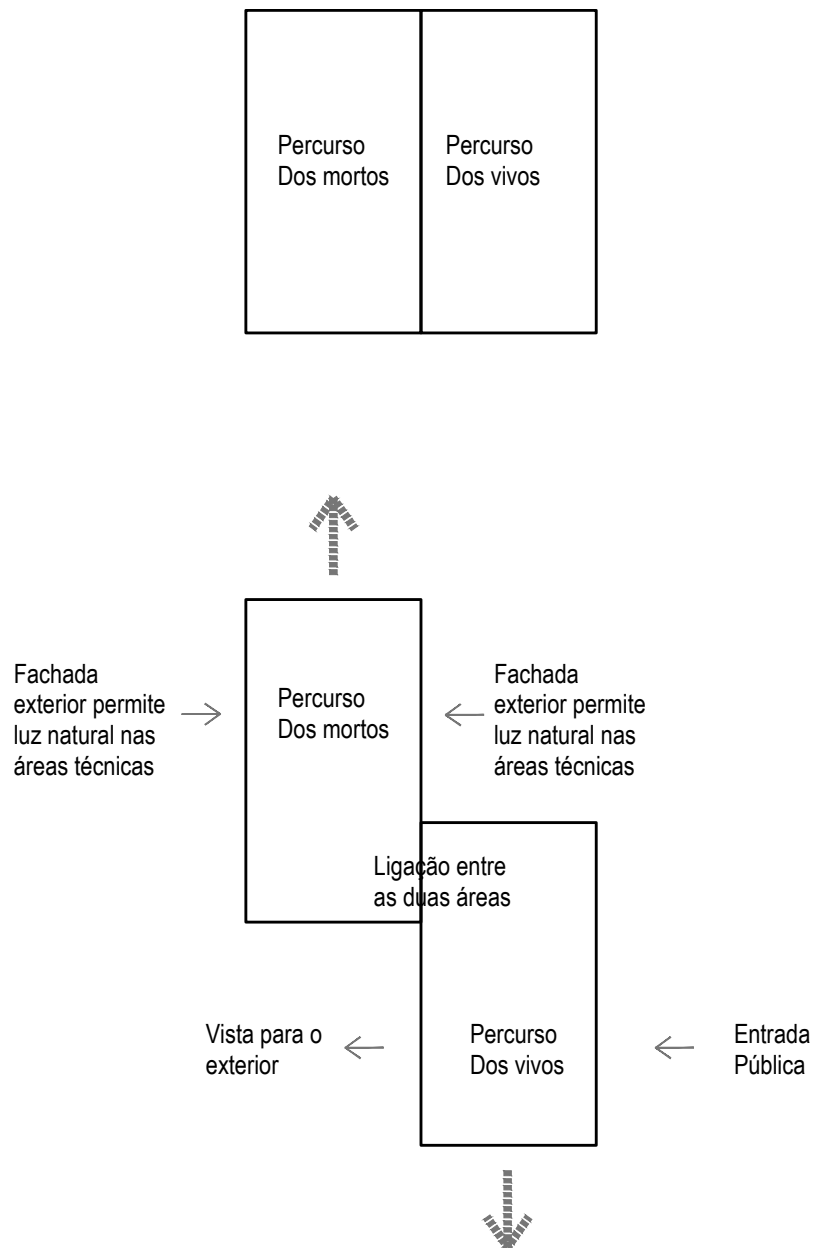
Ficando o edifício orientado num eixo de norte a sul, este vai dividir a ilha sensivelmente ao meio. Esta divisão vai criar diferentes espaços públicos, com diferentes funções.

A este da ilha encontra-se um maciço rochoso que foi o local escolhido para instalar o columbário. Escavando a rocha obtêm-se um espaço semi-subterrâneo, que nesse sentido se assemelha a mausoléus de épocas passadas, sendo um local propício para a deposição das urnas, ao mesmo tempo que mantém alguma descrição em relação ao edifício principal. Deste modo é ainda possível utilizar o terreno existente como parte da edificação, salvaguardando em materiais de construção. As entradas dos dois edifícios formam um eixo perpendicular ao dos acessos ao terreno, convergindo todos na única área exterior pavimentada, criando assim um género de praça. A norte desta temos o acesso pedonal, feito através de duas pontes de madeira, com fundações também em madeira relembrando um porto e invocando a ligação do local com o mar. A sul encontra-se uma subtil mas larga

escadaria que define a zona de acesso naval, onde pequenos barcos de recreação podem atracar. A criação deste acesso é algo peculiar, mas é explicada pela prática comum na Finlândia, onde os restos mortais em forma de cinzas podem em determinadas zonas ser deitados ao mar. Deste modo é facilitada a recolha da urna por pessoas que efectuem esta prática, dando um carácter especial e cerimonial a todo o processo.

A zona oeste e a pequena extensão a sudeste da ilha, são zonas de livre acesso, que permitem momentos de pausa e reflexão.

Crematório:



6. Diagrama de estudo da organização do espaço

O novo crematório

Como foi referido anteriormente, o crematório (fig. 7) encontra-se dividido em duas partes, a privada e a pública.

Na zona privada encontram-se todas as áreas de serviços e técnicas. Tendo como base a evolução dos crematórios ao longo dos séculos, a zona técnica destinada à cremação não é o centro do edifício, é parte integrante deste, mas está sujeita ao arranjo funcional do espaço, que se baseia no percurso que o caixão faz ao longo de todo o processo de cremação. Ao dar entrada no crematório o caixão é armazenado numa sala refrigerada, que vai permitir o bom condicionamento do corpo desde o processo cerimonial até à sua cremação. Daqui o caixão segue para duas áreas distintas, em diferentes fases, por um lado a cerimónia, e por outro a cremação. A ligação com as áreas cerimoniais é feita através de um corredor, que se encontra ao lado da sala de cremações, o que vai facilitar o percurso. A zona destinada a pessoal está situada ao lado deste percurso, o que permite uma boa ligação com a área de trabalho, estando ao mesmo tempo a uma distância essencial para uma zona de descanso, mantendo a dignidade do espaço destinado aos trabalhadores.

A zona técnica dos fornos de cremação encontra-se na cave.

A zona pública é definida pela entrada e pelo hall de cerimónias. Sendo estes os espaços que abrigam um maior número de pessoas, esta zona do edifício é marcada por um volume de maiores dimensões, com um pé direito mais elevado em relação ao restante edifício, tornando-se mais acolhedor no caso de maior afluência, ao mesmo tempo que constitui um ponto focal no exterior, marcando assim claramente a entrada principal.

O hall de cerimónias é marcado por uma fachada envidraçada, fazendo uma ligação directa com o meio natural circundante. A entrada e saída deste é feita em sentidos distintos, o que permite uma maior flexibilidade na execução das cerimónias. Esta divisão permite ainda ao utilizador que ao deixar o hall tenha um contacto directo com o exterior, o mar, a terra, dando algum conforto, tão importante em momentos de luto.

A entrada do caixão é feita de modo a não deixar vestígios visíveis de uma ligação entre a cerimónia e o que acontece após esta.⁷

⁷ Segundo o Arquitecto *Gunnar Asplund* – os hábitos modernos sugerem que a ida do caixão para a cave não é agradável, sendo que nos transporta em termos fictícios para o sepultamento tradicional. Foi tentado mover o caixão no sentido horizontal, deixando-o num veio iluminado onde pode ser visto e onde as portas podem ser encerradas no fim da cerimónia. Estas formas de separação aparentam ser algo teatrais e portanto não próprias da atmosfera da cerimónia. É então melhor deixar o caixão até que as pessoas saiam, antes de o retirar.

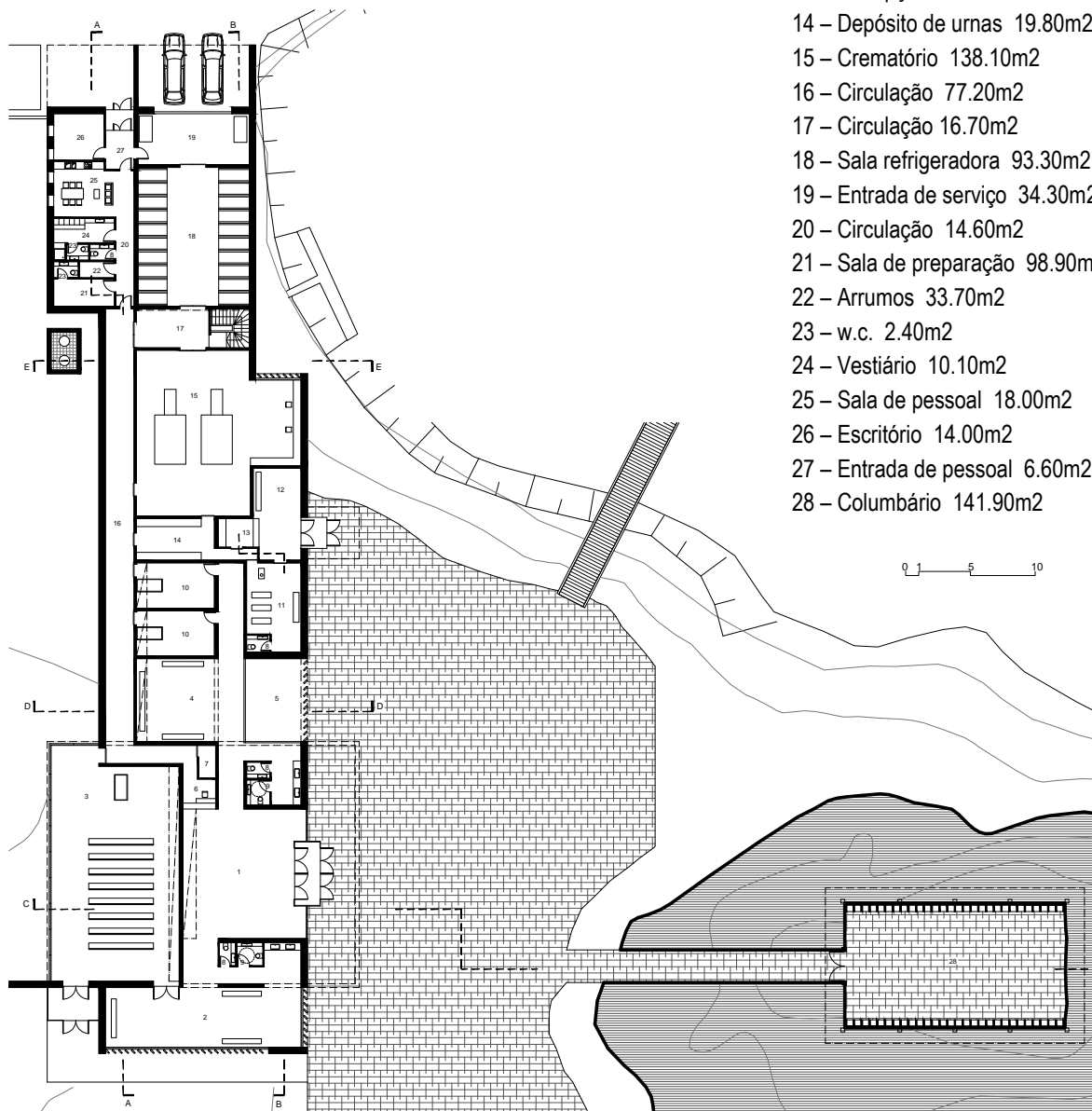
Sendo Helsínquia uma cidade com um considerável número de emigrantes, abrangendo as mais variadas religiões, o edifício não contém algum ornamento alusivo à religião, permitindo a sua utilização pelos mais variados grupos de pessoas.

O hall de entrada tem ligação com duas áreas públicas, ambas com um fim cerimonial, no entanto distintas. Por um lado a zona para cerimónias que abrangem um grande número de pessoas (referida anteriormente) e por outro lado uma zona destinada a cerimónias mais privadas. Esta zona é composta de duas salas fúnebres, destinadas a acolher pequenos grupos de pessoas e uma sala de espera com uma ligação a um pátio exterior. Este pátio confere a necessária privacidade (uma vez que esta zona do edifício está orientada ao longo da área de acesso público), deixando no entanto lugar para uma ligação com o exterior.

A entrada secundária do edifício destina-se à recolha de urnas. A pequena recepção e sala de espera acolhem um número reduzido de pessoas, próprio desta função e têm ligação com uma pequena sala de cerimónia, que permite à pessoa ou pessoas que recolhem a urna cinerária o devido período de interiorização. O facto de existir uma entrada secundária para este efeito, evita que alguém seja sujeito a reviver o momento da cerimónia.

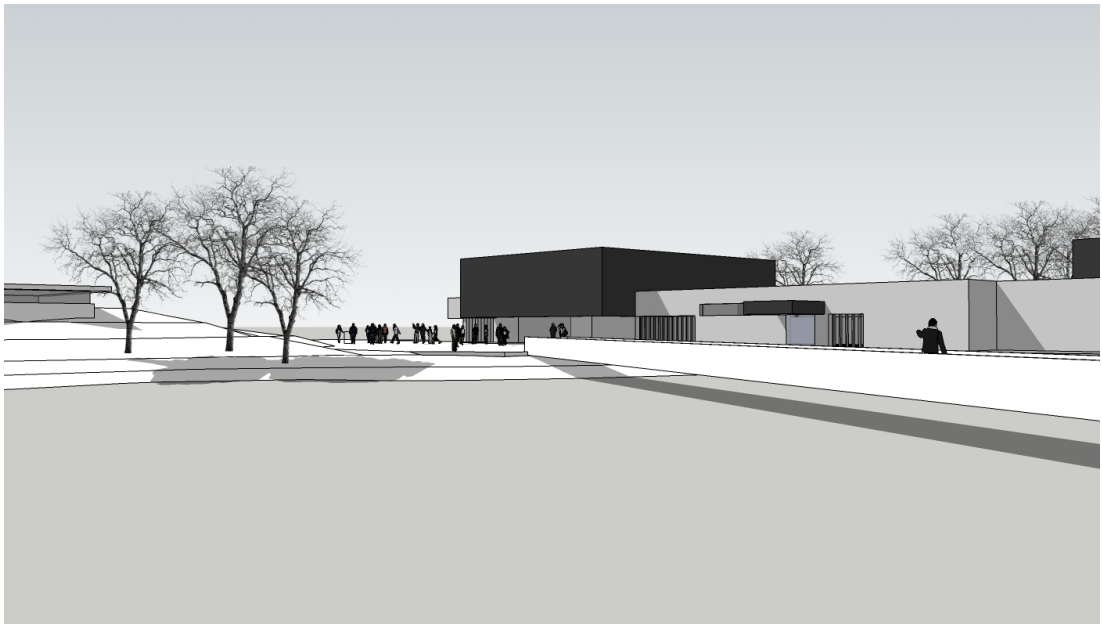
Legenda do piso térreo:

- 1 – Entrada 96.00m²
- 2 – Sala de espera 69.30m²
- 3 – Hall de cerimónias 174.00m²
- 4 – Sala de espera 54.40m²
- 5 – Pátio 27.30m²
- 6 – Recepção 5.90m²
- 7 – Arrumos 3.00m²
- 8 – w.c. 2.25m²
- 9 – w.c. 3.60m²
- 10 – Sala fúnebre 21.30m²
- 11 – Recolha de urnas 26.30m²
- 12 – Sala de espera 14.4m²
- 13 – Recepção 4.60m²
- 14 – Depósito de urnas 19.80m²
- 15 – Crematório 138.10m²
- 16 – Circulação 77.20m²
- 17 – Circulação 16.70m²
- 18 – Sala refrigeradora 93.30m²
- 19 – Entrada de serviço 34.30m²
- 20 – Circulação 14.60m²
- 21 – Sala de preparação 98.90m²
- 22 – Arrumos 33.70m²
- 23 – w.c. 2.40m²
- 24 – Vestiário 10.10m²
- 25 – Sala de pessoal 18.00m²
- 26 – Escritório 14.00m²
- 27 – Entrada de pessoal 6.60m²
- 28 – Columbário 141.90m²



7. planta do piso térreo

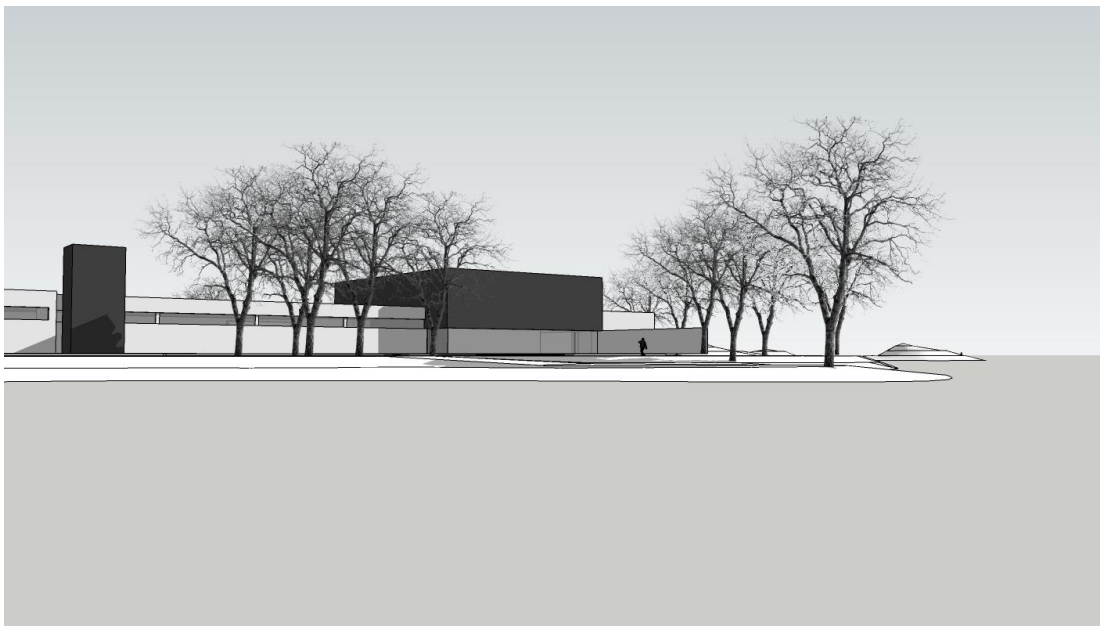
Perspectivas



Vista da entrada deste o acesso pedonal



Vista da entrada desde o acesso marítimo



Vista do hall cerimonial desde o mar

*“All that lives must die, passing through nature to eternity.”*⁸

⁸ *William Shakespeare (1564 – 1616)*

Conclusões

Este trabalho apresenta uma solução a uma situação actual que é a de sobrecarga do crematório existente em Hietaniemi. A solução proposta permite uma maior versatilidade da área, mantendo uma ligação estrita com o cemitério existente, dando a possibilidade de um maior número de cremações, uma necessidade clara dado o aumento da população.

Com a existência de um novo crematório no local, seria ainda possível fazer o crematório existente retornar às suas origens, devolvendo o carisma do espaço original, ao invés de manter a solução actual, que tal como foi referido anteriormente não é a ideal.

“Man is a noble animal, splendid in ashes, and pompous in the grave.”⁹

⁹ *Sir Thomas Browne (1605 – 1682)*

Bibliografia

Bertolaccini, Laura. “Experiences of crematoria projects in Germany, Sweden, Slovakia, Japan, Switzerland, Italy”.

Davies, Douglas J. “Death, ritual and belief”. Continuum International Publishing Group, (2002).

Davies, Douglas J. “Encyclopedia of cremation”. Ashgate, (2005)

Descharnes, Robert. “Gaudi: Vision artistique et religieuse”. Edita, (1982). Lausanne.

Frampton, Kenneth. “Modern architecture, a chritical history”. Thames & Hudson, (1980). Reino Unido.

Futagawa, Yukio. “Erik Gunnar Asplund : Woodland crematorium, Stockholm, Sweden 1935-40 : Woodland chapel, Stockholm, Sweden 1918-20 : Stockholm public library, Stockholm, Sweden, 1920-28”. A.D.A., (1982). Tóquio.

Seppovaara, Juhani Elävä hiljaisuus. Hietaniemen hautausmailla ”Living silence. In the Hietaniemi burial grounds” Helsinki: Otava, 2002